

Associação Nacional de História – ANPUH
XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA - 2007

“For the blood is the Life”: O Discurso Médico-científico em Dracula de Bram Stoker.

Andrezza Christina Ferreira Rodrigues*

Resumo: Este trabalho pretende fazer a análise de algumas das tensões historicamente constituídas pelo avanço da modernidade durante as últimas décadas do século XIX, tendo como eixo norteador das reflexões o livro *Dracula* (1897) de Bram Stoker (1847-1912). É possível vislumbrar traços culturais de um cientificismo triunfante em relação às noções de saúde, em especial no que tange ao sangue. Na década de 1880, o darwinismo social, propôs aos ingleses a cobertura biológica para a teoria da degeneração urbana hereditária, reforçando a posição a chamada “idéia sanitária” desenvolvida por Chadwick, encontrando sua expressão no controle de doenças e na degenerescência através da mistura do sangue. As teorias médicas investem no sangue como condutor da carga humana que interfere no comportamento do corpo e da mente.

Palavras-chave: Ciências médicas – Modernidade – História e Literatura

Abstract: This work intends to make the analysis of some of the tensions historically consisting by the advance of modernity during the last decades of XIX century, having as north axle of the reflections *Dracula* (1897) from Bram Stoker (1847-1912). It is possible to glimpse cultural traces of a triumphant scientific thought in relation to the health slight knowledge, in special in what it refers to blood. In the decade of 1880, the social Darwin Theory, considered by Englishperson the biological covering for the theory of hereditary urban degeneration, strengthening the position named "sanitary idea" developed by Chadwick, finding its expression in the control of illnesses and the degeneration through the mixture of the blood. The medical theories invest in blood as conducting of the load human being who intervenes with the behavior of the body and mind.

Keywords: Medical sciences – Modernity - History and Literature

Durante o período conhecido como fin de siècle (termo adotado na Bretanha por volta de 1890, para descrever o caráter único do século XIX), no qual Bram Stoker (1847-1912) escreveu *Dracula* (1897), foi marcado por mudanças sem precedentes que afetaram quase todos os aspectos da vida humana (social, econômica, intelectual, entre outros). O próprio Stoker era um produto de um mundo muito mais tradicional.

O período que Bram Stoker viveu foi o tempo em que a Irlanda e o resto da Europa fizeram a transição, de fato, do mundo tradicional para o moderno. A vida de Stoker começa então no ápice do regime vitoriano, e termina, com a Europa modernizada. Como resultado, Stoker possui familiaridade com ambos.

* Mestranda em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com bolsa mestrado Cnpq.

Londres possui a avant-garde literária, líderes políticos, cientistas e exploradores de novas tendências e correntes. Logo, não é surpreendente que seus romances e contos, gerados nesse período, incluindo *Dracula*, incorporem frequentemente elementos tanto tradicionais como modernos, uma característica marcante do fin de siècle.

No fim do século XIX, o império britânico controla um quarto do mundo e emerge como a maior potência econômica, definindo e ditando o ritmo mundial. A correnteza moderna invade o campo dos valores tradicionais, fazendo com que estes sejam repensados, trazendo-os para um universo mais científico, experimental, que já estavam presentes desde o século XVIII.

O povo, no século XVIII, estava sujeito a pressões para “reformatar” sua cultura, segundo novas determinações do Estado inglês, que propunha, entre outras medidas regulamentadoras, a alfabetização (que suplantava a tradição oral, mantida desde a Idade Média); o “esclarecimento” escorria dos estratos superiores chegando aos inferiores. Pressões em favor da “reforma” sofriam grande resistência, fazendo com que “o século XVIII abrisse um profundo hiato entre cultura patricia e plebéia” (THOMPSON, 2000: 13). Os problemas do século XVIII são diferentes dos enfrentados no século posterior, e claramente mais agudos, pois o processo do capitalismo e a conduta não econômica baseada em fatores tradicionais aparecem em conflito.

A experiência moderna invade os espaços humanos, e anula suas fronteiras e, por muitos momentos apresentada como ameaça a toda uma tradição cultural, a modernidade põe-se a desenvolver uma rica história, traçando assim uma variedade de tradições próprias.

No século XIX, o desarranjo de organizações vistas como tradicionais – papéis produtivos dentro do núcleo familiar, a inexpressão da classe camponesa – facilitam a penetração do moderno, este com o objetivo de dissipar-se por todas as camadas sociais, no campo e na cidade. À medida que o cotidiano foi tomado por racionalização¹ cultural e social, dissolveram-se também as formas de vida tradicionais, que no início da modernidade se diferenciaram principalmente em função das corporações de ofício, mas que aos poucos envolveram outros extratos, especialmente a dinâmica social, pondo hábitos maneiras de viver em cheque. O turbilhão da vida moderna alimenta-se em muitas fontes, dentre elas: as grandes descobertas científicas, a industrialização da produção que transforma conhecimento científico em tecnologia; se abrem novos ambientes humanos.

¹ “E. Durkheim e G. H. Mead viram que o mundo da vida racionalizado é caracterizado antes por um relacionamento reflexivo com tradições que perderam sua espontaneidade natural” (HABERMAS, 2001: 4)

O que marca o grande aglomerado urbano, perfil de muitas cidades no período, é o fato dos homens se assemelharem á figuras fugidias, não palpáveis e tampouco passíveis de análise além do que se pode observar em sua forma exterior. Existe de certa maneira a necessidade de permanecer incógnito, ter enfim, a identidade individual substituída pela do habitante, do *citizen* de uma metrópole como Londres. Tais formas foram apresentadas por inúmeros literatos, porém Stoker nada contra a corrente, sem deixar de ser um observador, sentirá a incumbência de ser um informador e formador de opiniões e tendências nas quais o homem moderno está submetido e na qual é movido.

Num momento em que o hábito da leitura já invadia distintas classes sociais – demonstrando que a alfabetização inglesa obteve sucesso – esse público fazia uma exigência: identificar-se com o que lia e, por outro lado, o Estado inglês fazia uma outra: que o público tivesse conhecimento do quão grandioso o império britânico era, e do quanto se avançava em diversos campos – o ideal burguês de se identificar com o que lia, aos poucos, tomou proporções de “popular”, e assim, o fascínio pelo moderno invade mentes e corações, independente de classe ou gênero. E é justamente esse campo que autores como Mary Wollstonecraft Shelley (*Frankenstein*), Robert Louis Stevenson (*Dr. Jekyll & Mr. Hyde*), e Bram Stoker vão utilizar para apontar o moderno dentro do campo científico, especialmente no que concerne ao médico, tanto em formas de crítica como de admiração.

Dracula é o romance que inaugura, através do conjunto de assuntos explorados em seus capítulos, o gênero de horror moderno. Sustentando uma narrativa com características que ainda remontam ao tradicional, abre espaço para uma abordagem que traz já a tendência da modernidade para suas páginas. É considerado pelos críticos como a obra de ruptura com o modelo típico do século XIX; é uma obra divisora de águas, inaugurando a estética moderna de literatura. Segundo J. R.R. Tolkien, conjugar o contexto histórico no qual o texto se insere, o que denomina de sub-criação, é uma corrente específica do século XX, a exceção é justamente *Dracula*.

Um dos meios de avaliar as obras da modernidade, como revela Umberto Eco, seria conseguir triunfar acerca da visão positivista de uma relação autor-texto-leitor para um valor pautado na sua duplicidade: o leitor, de um lado, e o quebra-cabeça montado pelo conjunto de informações do texto, que remete ao seu momento criativo, de produção, que começa, justamente, na linguagem. A desconstrução da língua, começa na sua forma gramatical, passa pela análise comparativa de significante-significado, até despejar-se no contexto. Eis então um estado muito sutil, do discurso: a narratividade é quebrada e a história permanece, no entanto, legível.

Quando *Dracula* é publicado em 1897, se olhava mais à frente do que para o passado. De fato, o termo *fin de siècle* costuma apontar o moderno, progressivo, avançado (mas existem correntes de pensamento que empregam o termo como constatação de decadência). A crença no progresso é intensificada pelas descobertas científicas e inovações tecnológicas. *Dracula* revela a fascinação de Stoker pelo desenvolvimento desse campo. Proveniente de uma família interessada por ciência, formado em matemática e ciência pura, a utiliza como forma de celebração da mesma, de perpetuação e informação ao público das inovações tão caras aos ingleses.

Também, o emergente modernismo (como corrente, literária, filosófica, costumes, entre outros) faz com que os valores tradicionais sejam repensados e que o mundo, seja mais científico, experimental. Bram Stoker acompanha a corrente moderna, apesar de ainda conservar traços tradicionais, no que concerne, em especial, na ambiência de seus romances.

Na Londres da metade do século XIX, com dois e meio milhões de habitantes, projetam-se com total nitidez a promiscuidade, a diversidade, ou seja, os considerados perigos da vida urbana. Para além do fascínio, os cidadãos sentem medo.

Os combates do dia se interrompem, a multidão trabalhadora repousa e a noite, despertam “os demônios” para preencher o espaço urbano. Nessas horas escuras, surgem as prostitutas, os escroques atentos às mesas de jogos, os ladrões em seu trabalho silencioso, essas são suas personagens. Na escuridão a multidão renova o espetáculo da promiscuidade, da agressão, do alcoolismo, cotidianamente; todo o perigo pressuposto como presença em repouso durante o dia, põe-se de tocaia à noite, nos becos mal iluminados.

No centro de Londres, numerosas ruelas de casas miseráveis entrecruzam-se com as ruas largas das grandes mansões e os belos parques públicos; essas ruelas lotadas de casas “abrigam crianças doentias e mulheres andrajosas e semimortas de fome” (Engels, 1998:57)

Esse período é marcado pelo encerramento da sexualidade ao quarto do casal, a privação dos jogos de azar e a doutrina do trabalho, onde não há lugar para padrões de comportamento fora de uma ética puritana, característica da Era Vitoriana. Esses ameaçam a sociedade constantemente, fazendo com que a ciência trace teorias para combater essas “mazelas sociais”.

Na década de 1880, o darwinismo social, propôs aos ingleses a cobertura biológica para a teoria da degeneração urbana hereditária, reforçando a posição a chamada “idéia sanitária” desenvolvida por Chadwick, encontrando sua expressão no controle de doenças e na degenerescência através da mistura do sangue.

As discussões acerca do funcionamento e funções do sangue no corpo humano aparecem já no século XVII, mas ainda com outro sentido: a necessidade de descobrir o corpo humano, suas particularidades, e de quais maneiras o bombeamento sanguíneo interfere no corpo. O sangue, nesse momento ainda estava pautado na condição hereditária, herança aristocrática, que determinava posição social do indivíduo.

No século XIX, as teorias médicas investem no sangue como condutor da carga humana que interfere no comportamento e propensões do corpo e, principalmente da mente, ou seja, seria como se a mistura sanguínea que um homem carrega, trouxesse as características de seus antepassados e o habilitasse para desenvolver características ao longo de sua vida, como por exemplo, a disposição para o trabalho, a loucura, a promiscuidade, a mendicância, entre outros.

Tema que traz preocupação à sociedade inglesa do período, pois o alto índice de miséria da parte operária, e principalmente a prostituição exacerbada dessa população, fazem com que o sangue misture-se e provoque o aparecimento de novas feridas sociais: as doenças do sangue.

O livro cria uma mistura do ambiente gótico, tradicional — um castelo antigo, parcialmente em ruínas, num lugar distante, que incita a imaginação, numa região desconhecida e montanhosa, com um vilão terrível, tipicamente reconhecido em uma obra do final do século XVIII — com o que há de mais moderno, tecnológico; marca do período em que Stoker o escreveu. Assim, segundo Botting,

“os fragmentos da narrativa de Dracula são de uma moldagem essencialmente moderna. Embora aludem a dispositivos góticos como manuscritos perdidos e cartas, esses fragmentos são registrados da maneira mais moderna possível: através de máquina de escrever, em taquigrafia e em fonógrafo. (...) A modernidade da ambientação do romance também é assinalada através do status profissional dos homens que se unem contra o vampiro: com exceção do remanescente aristocrático, Arthur Holmwood, eles são os advogados e doutores do centro da vida comercial vitoriana tardia. (...) Van Helsing é uma combinação de professor, médico, advogado, filósofo e cientista” (Botting, 1996:147)

Apesar de Stoker dividir seu romance em capítulos e não em partes, podemos separar estes em quatro seções, que facilitam a compreensão da narrativa enquanto fonte:

A primeira seção relata a viagem de Jonathan Harker, ao Castelo de Drácula. É aqui o ponto de partida para a discussão do moderno, pois o choque entre a cultura inglesa carregada por Jonathan e sua pitoresca viagem à lugares distantes da dinâmica das grandes cidades, como a obscura Transilvânia, aflora e entra em conflito com as impressões e hábitos de um povo desconhecido, personificado pelos longos diálogos com o Conde. Anuncia-se a

tendência do autor em discutir questões exploradas pela ciência, pois sua personagem inicia questionamentos acerca de sua sanidade, questões estas que são aprofundadas na segunda seção do livro.

Já na segunda seção, podemos assistir a chegada de Drácula à Inglaterra, onde seduz e destrói a jovem Lucy Westenra. Essa é a parte chave do romance, onde o autor explicita as teorias médico-científicas do período, através de suas duas grandes personagens, Dr. Abraham Van Helsing e Dr. Jack Seward. Também é nessa parte que os exercícios do Dr. Seward se intensificam com seu paciente, Renfield, internado na casa de alienados que o Doutor dirige. Pode-se constatar que o sábio Van Helsing, assim como o médico Seward, conhecem as teorias científicas, como a criminologia de Lombroso e Nordau. Eles ainda empregam as técnicas médicas e descobertas científicas mais recentes, utilizando, até mesmo, o hipnotismo de Charcot para ter acesso ao “cérebro infantil” de Drácula, através de Mina. Segundo De La Roque e Teixeira,

“em Drácula, a ciência, seus métodos, saberes e instrumentos são usados como armas contra o vilão que nomeia o romance, e assim a obra, apesar de estar mais bem situada no gênero de horror que de ficção científica, realiza algo que talvez seja muito mais eficiente na divulgação, entre o público leitor, de uma noção positiva de ciência: personifica a idéia do cientista como detentor da chave de um conhecimento que não é perigoso, mas, ao contrário, útil à humanidade (...); em Drácula o sábio Van Helsing livra o mundo de um flagelo, empregando seu amplo conhecimento de maneira racional e científica” (De La Roque e Teixeira, 2001:22)

Podemos destacar, na terceira seção, as maneiras possíveis de combater o vampiro, teorias que vão do sobrenatural, supersticioso, ao que há de mais moderno na ciência, como é também visto na segunda seção. Ocorre a sedução de Mina Harker, a narradora mais presente no livro, que perde sua “voz” à medida que deixa dominar-se por Drácula; há a decisão de refazer o percurso iniciado por Jonathan nas primeiras páginas do livro, seguir o Conde até seu castelo e, destruí-lo.

Por fim, na quarta seção, acompanhamos a destruição do vampiro pelo grupo, que traz consigo todas as glórias de uma modernidade científica triunfante em relação a uma tradição ligada às superstições.

Seguindo essas convergentes discussões, o trabalho tem como objetivo principal trilhar o percurso da ciência, em suas manifestações na medicina do final do século XIX. Sendo assim, o estudo sistemático da fonte aponta como eixo norteador do trabalho o sangue, tanto dentro do círculo médico quanto sua simbologia, e também os campos de atuação patológicos e profiláticos no qual se insere.

Bibliografia:

Barthes, Roland O Prazer do Texto, São Paulo, Perspectiva, 2004.

_____ O Grau Zero da Escrita, São Paulo, Martins Fontes, 2004.

Bejamin, Walter Obras Escolhidas Vol 1, São Paulo, Brasiliense, 1996.

Dobson, Mary J. Contours of Death and Disease in Early Modern England, Oxford, Oxford, 2002.

Eco, Umberto Interpretação e Superinterpretação, São Paulo, Martins Fontes, 2005.

_____ Seis Passeios Pelos Bosques da Ficção, São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

Foucault, Michel História da Sexualidade Vol 1, São Paulo, Graal, 2005.

_____ História da Loucura, São Paulo Perspectiva, 2003.

_____ O Nascimento da Clínica, Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

Habermas, Jürgen Der Philosophische Diskurs Der Moderne, Main, Suhrkamp Verlag, 2001.

Mort, Frank Dangerous Sexualities – Medico-Moral Politics in England Since 1830, Londres, Routledge, 2000.

Porter, Roy Madness: A Brief History, Oxford, Oxford, 2002.

_____ Das Tripas Coração: Uma Breve História da Medicina, Rio de Janeiro, Record, 2003.

Senf, Carol Dracula: Between Tradition and Modernism, Nova York, Twayne Publishers, 1998.

Thompson, E. P. Costumes em Comum, São Paulo, Companhia das Letras, 2000.